

PRETI, Dino (org.). *O Discurso Oral Culto*, São Paulo, Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997, 173 p.

O livro é dedicado à memória da Prof^a Margaret de Miranda Rosa, pós-graduada em Mestrado pela USP, quando se integrou ao grupo que se dedicava ao Projeto NURC. O presente volume pertence à área de estudos do referido Projeto. Consta de nove ensaios assinados pelos professores Dino Preti: "A Propósito do Conceito de Discurso Urbano Oral Culto: a Língua e as Transformações Sociais"; Diana Luz Pessoa de Barros: "A Propósito do Conceito de Discurso Oral Culto: Definições e Imagens"; Beth Brait: "Imagens da Norma Culta, Interação e Constituição do Texto Oral"; Marli Quadros Leite: "Purismo do Discurso Oral Culto"; Hudinilson Urbano "A Expressividade na Língua Falada de Pessoas Cultas"; Leonor Lopes Fávero: "Processos de Formulação do Texto Falado: a Correção e a Hesitação nas Elocuções Formais"; Ieda Maria Alves: "Marcas do Discurso de Divulgação na Linguagem Falada Culta"; Paulo de Tarso Galembeck: "Preservação da Face e Manifestação de Opiniões: um Caso de Jogo Duplo"; Zilda Maria Zapparoli: "Considerações sobre a Utilização de Novas Tecnologias na Análise do Léxico do Português Falado Culto de São Paulo".

Depois de Saussure que deu à *langue* prioridade sobre a *parole*, o que levou ao triunfo estruturalista, chegou o momento da desforra, e a *parole*, o discurso, passou a ocupar a boca da cena. Análise do discurso, análise da conversação, os atos da fala entraram a ser investigados, com a volúpia de quem singra mares nunca de antes navegados. Primeiro surgiu a indagação quanto à presença do indivíduo na exteriorização da *langue*, o que gerou a Estilística, particularmente na língua escrita. Tivemos então uma Estilística no sentido de uma Estilística do estilo, mais propriamente do estilo literário, à maneira de Vossler. Bally, como se sabe, rejeitou essa posição e chegou a declarar que a Estilística, tal como a compreendia, separa "à tout jamais le style et la stylistique". Contudo, apesar de ter desviado o seu enfoque científico da *langue* para a *parole*, Bally, ainda sob o sortilégio de Saussure, pretendeu manter-se no campo da *langue*. Enquanto a *langue* definida por Saussure seria um sistema de elementos *ideativos*, a sua Estilística estudaria o sistema de elementos *afetivos* de cada língua. Por conseguinte, como não há ciência do individual e somente do geral, a Estilística que propôs não perderia o cunho científico. Buyssens também sentiu necessidade de encontrar para o estudo da *parole* um caminho que não fosse o do momento individual e o procurou no modelo funcional de Trubetzkoy, ao distinguir entre o *fone* (designação posterior) e o *fonema*, o primeiro produzido no ato de fala, o segundo entidade da *langue*. Buyssens deslocou a distinção para o campo funcional e assim separou o ato sêmico, que é individual e momentâneo, do *sema*, que resulta de uma redução dos múltiplos traços fônicos e

semânticos incluídos no ato sêmico ao seu valor funcional; é, pois, uma abstração (o sema é um ato ideal), na linha da *abstractio totalis* dos escolásticos, revivida por Jacques Maritain. Daí a distinção de Buysens entre *ato sêmico* (*parole*) e *sema* (*discurso*). Acrescentemos que o nosso Mattoso Câmara Jr., em *Contribuição para uma Estilística da Língua Portuguesa*, 1952 (idéias retomadas em 1961, mas que hoje se podem ler em *Dispersos*, 1972, artigo "Considerações sobre o Estilo"), teve de enfrentar o mesmo problema e acabou por optar pela solução Bally, embora não separando a Estilística do estilo, que definiu em "Considerações" como "um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo". Via assim MC Jr. as línguas como constituídas por dois sistemas, um representativo e outro afetivo, de onde uma Lingüística da Língua ao lado de uma Lingüística do Estilo (*Contr.*: 15). Dito de outro modo: "A estilística vem complementar a gramática" (p. 13). Para a mesma língua, portanto, duas gramáticas, uma representativa, outra afetiva.

Sabemos que MC Jr. traduziu *parole* por *discurso*. E também que nunca aludiu a uma possível Lingüística da Parole, como está em Saussure. A sua Lingüística se subdividia em duas, como acabamos de ver, a da Língua (*langue*) (*stricto sensu*) e a do Estilo (Estilística). A razão está em que, para MC Jr., o discurso (= *parole*) era assistemático e, como tal, não passível de tratamento científico. Eis, p. ex., o que diz em "Contribuição": "Dos atos de fala, que são uma ganga heterogênea e confusa, emerge o simbolismo representativo do sistema" etc. Aliás, anteriormente, já assim se exprimira: "A nova disciplina, assim compreendida [a Estilística], não coincide com uma problemática lingüística do discurso, onde se emaranham todos os acidentes, assistemáticos e inexpressivos, da formulação e execução verbal" (p. 13). Por conseguinte o discurso (= *parole*) ficava fora da ciência da linguagem.

Voltemos agora a Saussure. No CLG, o mestre genebrino assim especifica o que distingue a *parole*: 1º as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua; 2º o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Podemos então depreender que o código da língua contém duas partes: uma obrigatória, onde não há escolha possível (todos, p. ex., temos de conjugar os verbos da mesma forma), outra relativamente livre (a escolha de sinônimos, p. ex.). A primeira é a *Gramática*, a *ars obligatoria*, de Jakobson; a segunda, a *Estilística*. A construção da frase e a seleção do vocabulário são as partes do código mais favoráveis à Estilística, mas morfologia não está excluída (nos graus dos nomes, nos modos e aspectos do verbo).

Ajunte-se a parte fônica, própria da língua oral, com os traços prosódicos ou supra-segmentais, que a língua escrita procura representar por meio

de diacríticos, como os pontos de interrogação e exclamação, as reticências, e teremos um quadro aproximativo das tarefas da Estilística. E quanto ao "discurso"? Será assim tão resistente a um tratamento científico? Na análise da conversação, como sistematizar, p. ex., o gaguejo, a interrupção, a tosse, o resmungo, a elevação da voz, o cochicho, a meia voz, etc.? Colocaremos isso na parte física do mecanismo psico-físico de Saussure? E as sutilezas de pensamento, as indiretas, as ironias, irão para a parte psíquica? Quem poderá deter o fluxo psico-físico da fala? E esse estudo, que disciplina dele se ocupará? A Lingüística, a Velha Retórica, a Nova Retórica, *chi lo sa?*

Benveniste, estudando os níveis da análise lingüística, pôs a frase como nível superior da língua. Acima da frase estaria o *discurso*, "outro universo", o da língua como instrumento de comunicação, que teria a frase por unidade. Nesse caso, ingressaríamos numa espécie de Gramática do Texto. É o que nos parece melhor.

Sílvio Elia

*

PEREIRA, Maria Teresa G. (org.). *Língua e Linguagem em Questão*, Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

Em outubro do ano findo, realizou a UERJ o *I Fórum de Estudos Lingüísticos da Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras*, com pleno êxito. A presente publicação é uma recolta dos trabalhos então apresentados, ao todo 21, que podemos assim distribuir:

a) Padronização gramatical.

Evanildo Bechara – *Sobre uma gramática padrão da língua portuguesa*.

Luiz Carlos Travaglia – *Gramática Padrão: suas bases e ampliação das mesmas*.

José Carlos Azeredo – *Reverendo análises: a descrição sintática e seu ensino*.

Sírio Possenti – *Por que (não) ensinar gramática na escola?*

Maria Margarida Martins Salomão – *Lingüística e ensino do Português: variações sobre um tema recorrente*.

Valéria. Coelho Chiavegatto – *A Lingüística e o ensino da língua portuguesa*.

b) Estudos Gramaticais.

Cláudio César Henriques – *Estudos lingüísticos: univocidade de um adjetivo*.

Horácio Rolim de Freitas – *Atual visão lingüística do processo derivativo da parassíntese*.

c) Lexicologia.

Andre C. Valente – *A criação vocabular: os neologismos*.